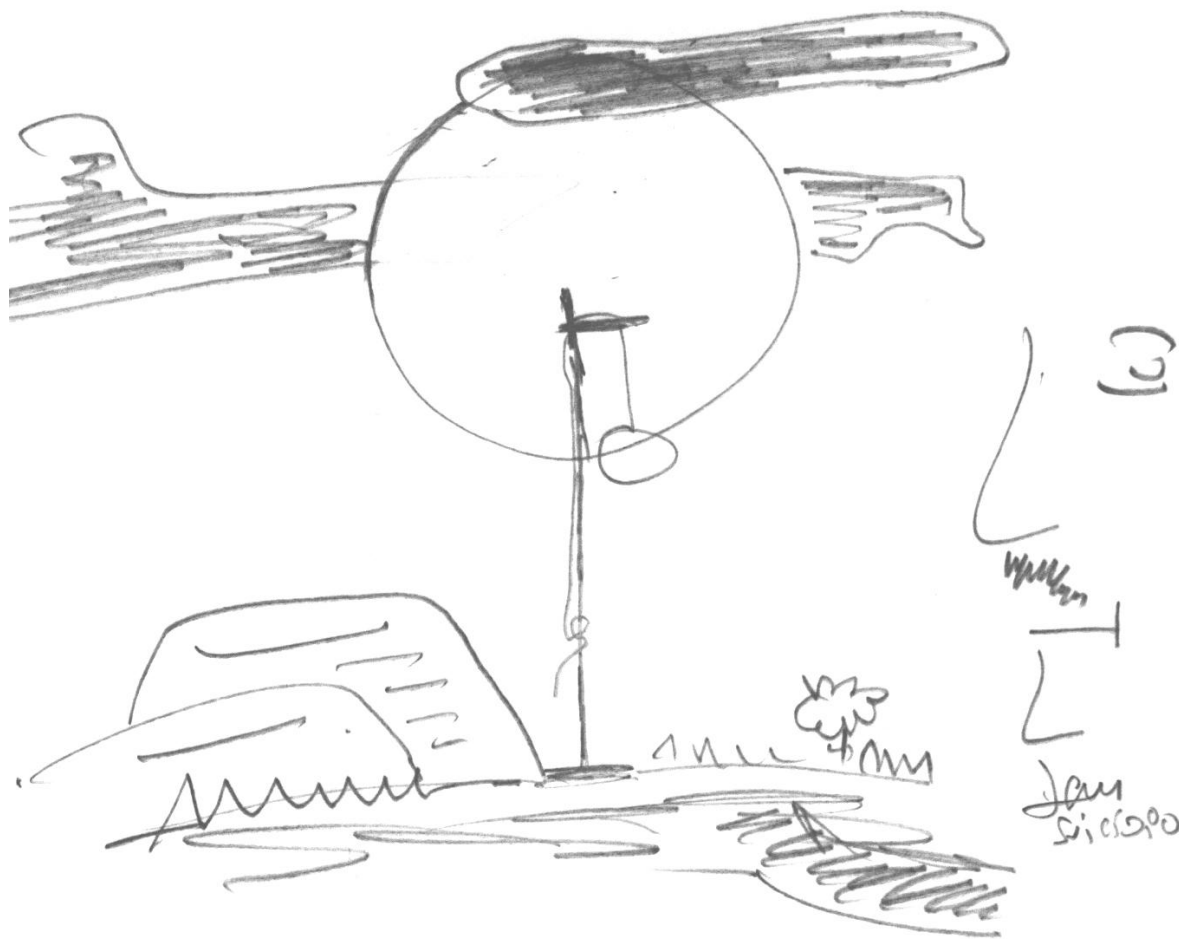


IGREJISMO

a farsa e o poder das igrejas

[o igrejismo é o suicídio humano]



J. C. Macedo



*Ei, não me digam para ajoelhar,
porque eu não me dobro, eu sou deus,
e sou o império e sou o nada, e o adeus
a todo o poder. Sim, eu sou o altar
onde se dizem a deusa, o deus –
e primeiro, o eu, entre todos e plebeus!*

*Ei, não me digam o que cantar,
Porque ao rebanho eu digo não e adeus!*

J. C. Macedo
– 1996, Buenos Aires / Arg.

Para qualquer segmento de actividades de uma Igreja que se olhe, com objectivo analítico, verifica-se a presença de um poder materialista económico e dogmaticamente sustentado. Isto pode ser verificado em todas as seitas-igrejas constituídas Ordem Mística enquanto Poder societariamente paralelo ao das gentes-elites da Guerra e da Política, e, na maioria das vezes, acima delas!

O Igrejismo

De uma necessidade da Humanidade em olhar para fora de si mesma e se perceber cosmicamente no seu reduto telúrico, criou-se *um olhar filosófico gerador de imagens à semelhança da Mulher e do Homem e a moldar desejos sob uma crença-fé* em dias melhores diante da fome e da miséria, do poder repressivo de uns sobre a maioria, etc., uma crença-fé que, aos poucos, deixou de ser uma reunião de pessoas [*ekklesia*, do grego, q.s. *assembleia*, e de onde vem o termo *igreja*] no cume de morros ou em grutas e transformou-se num novo Poder – o *Igrejismo*; primeiro, era paralelo ao *Poder sociopolítico e militar*, e, logo em seguida ele mesmo e absolutamente o Poder.

A *ekklesia* era a assembléia popular no sistema político da Grécia, cuja filosofia e cujo misticismo influenciaram quase todo o mundo há cerca de 3000 anos. Juntar pessoas com o propósito de dar crédito político ao Poder eleito era uma noção muito diferente da Política gerada pelas elites da Guerra, e também contrária à Monarquia que se perpetuava familiarmente no Trono. A tendência política no Poder era, na época, a do chefe militar que se instituía *Senhor do Clã* absolutamente. Mas existiam diferenças entre os povos: entre os da linha Celta, por exemplo, havia o *Senhor do Clã*, mas este governava com a *ekklesia* dos velhos e a classe sacerdotal a representar *deusas e deuses*. Entretanto, viria surgir no Egipto outro conceito de divindade: o *Deus Único*. Que imediatamente criou tendências, ou crenças, muito particularmente no Povo Judeu, na época escravo dos egípcios...

A classe sacerdotal egípcia havia percebido que se o *Faraó* [uma forma sofisticada de *Senhor do Clã*] poderia governar sob a tutela de um *panteão de divindades*, mais lógico seria fazer com que o *Faraó* fosse a *representação de um Deus, a unificar o Poder na plataforma político-militar e mística*. Uma proposta de ditadura governamental assustadora, por retirar dos Povos a livre escolha da representação mística. Objectivado politicamente na óptica das acções sacerdotais, o Egipto criou o *Igrejismo*, ou seja, *o Sacerdote tem o mesmo peso político-económico do Senhor do Clã com a vantagem de dominar a mente catequizada dos Povos e ser, na*

sombra ou não, o Poder de facto. E se o Mundo era, então, um algo humanamente precário, mais precário ficaria com o Igrejismo na gerência directa das políticas, ou na ante-sala do Poder. Logo, o Igrejismo é o suicídio humano anunciado em cada templo e divindade inventada.

Egípcios & Judeus

Debaixo da sociedade egípcia, os judeus sofreram a aculturação que chega quando a escravidão atinge mais do que uma geração: a *egiptização dos judeus* pode ser verificada na circuncisão que veio a ser conhecida mundialmente como ‘sinal’ do ser-judeu, mas que era, na verdade, um acto egípcio.

Quando o Egipto adoptou o Deus Único aderindo a um monoteísmo que cerceava a Liberdade de outro pensamento-fé, reinava o *faraó Amenófis IV*, e essa determinação foi seguida pelo filho *Akhenaton*, mas este não conseguiu dominar a tendência dos feiticeiros e do querer plural dos povos, e após a sua morte o Egipto retornou ao plantão de deusas e deuses. Entretanto, o Povo Judeu já havia ‘bebido’ aquela tendência monoteísta e deu guarida aos egípcios monoteístas, entre eles um alto funcionário de nome *Mosheh*, que talvez nem seja nome, mas abreviatura de algo egípcio, como argumenta o judeu *Sigmund Freud* no seu estudo *Moises e o Monoteísmo*, de 1938, mas que desde logo sinaliza que *o Moisés fundador do Povo Eleito não era judeu, mas egípcio*, e que, mais uma vez, *a História regista uma farsa, só que esta se expande pelo cristianismo e pelo islamismo, porque ambos têm origem no judaísmo. E não por acaso, um ‘tal’ anjo Gabriel é o visitador que anuncia nas três religiões a própria formação, daí a necessidade dos dogmas para encobrir a falsidade. Ou seja: da mesma maneira que os chefes militares organizaram em torno de si clãs ditatoriais para dominarem as comunidades pela herança familiar, de onde surge o Poder monárquico, os sacerdotes do Deus Único passaram a se autodenominar “a voz de Deus na Terra”, o que levou Mosheh/Moisés a declarar que o judeu é o povo eleito da divindade e os sacerdotes são o único poder. E, a partir daí, tudo o que é feito misticamente em torno do Povo Judeu transforma-se numa odisseia dogmática que, obviamente, leva a dissidências, e delas surge o cristianismo, primeiramente contra o materialismo sacerdotal através do acto jesuânico, e logo, o islamismo como poder societariamente teopolítico. Eis o quadro dos factos históricos que geraram a três religiões que viriam a se confrontar política e militarmente na pior página negra da Humanidade..., página negra que raros filósofos e ‘cientistas’ políticos se atrevem a estudar e expor publicamente.*

Foi, ou é, a guerra do filho contra o pai?, como analisa *Freud*, que em tal análise desqualifica a *dogmática do fundamentalismo mosaico*. Na verdade, diga-se, *Mosheh* funda num povo já existente, e que não é o seu, um monoteísmo que o consagra como ‘pai’ – o pai herói que ele não teve, e que agora se redime nele próprio. E é um judeu a analisar o judaísmo no seu cerne teopolítico, com a agravante de que *Freud* reconta a sua própria história familiar para demonstrar que *as variantes neuróticas da Nação são parte do comportamento da Pessoa que lhe é base social*. É fácil criticar esta análise, como fizeram e fazem muitos judeus e teólogos, mas o difícil é demonstrar que o monoteísmo judeu não é uma farsa mística...! Aliás, esta questão leva-nos para outro ponto: “*Devemos considerar que se existe deus ele o é porque a Pessoa o inventa e o sustenta em Vida, como faziam os gregos, os celtas, os romanos, e fazem os judeus, os islâmicos e os cristãos. E se deus não evita a Morte, então, deus é uma farsa à imagem das potencialidades criativas da Mente humana, e só*” – in “Poder & Igrejismo: a Ditadura completa”, pensamento de *J. C. Macedo* mimeografado em panflo da *Turma de Jovens Intelectuais Anarquistas [TJIA]*, distribuído clandestinamente em Braga e Guimarães, norte de Portugal, em 1973. Podemos dizer, e o digo, que *a Humanidade necessita de uma crença-fé para se sustentar além da animalidade*, sim, de acordo, mas que essa crença-fé não se torne um Poder criminoso e que fique somente como *ekklesia*. Aquela *ekklesia* que foi tão cara a *Sócrates* e a *Jesus*, e é ainda muito cara a intelectuais que batalham pela *Liberdade* social, política e mística.

Igrejismo: Plataforma Ditatorial

As seitas místicas são fontes-fábricas de conceitos anti-Humanidade. O *verbo*, que no início era a própria *ekklesia* no profundo e humaníssimo filosofar por uma vida melhor, comunitária, o que, por exemplo, percebe-se na *Palavra socrática* e nos actos mediúnicos e *Palavra jesuânica*, passou a ser um altar-trampolim para o Poder, o que a *Palavra confuciana* também repudia, mas para o sacerdócio que abraça o jogo político e económico a teologia é um instrumento a mais na vida de interesses materiais, um facto desde que o monoteísmo fez sangrar cabeças coroadas no Egipto e se alargou na caminhada do Povo Judeu sob o comando de um egípcio autodenominado ‘pai-fundador’. E mesmo entre os judeus o Deus Único promoveu chacinas tribais na demonstração inabalável de que “deus o é pelo acto da pessoa, em qualquer lugar e sob quaisquer circunstâncias psicológicas” [Macedo, *idem*].

Já o disse e repito: “Não sou *freudiano* nem psicólogo: sou o *filósofo-poeta* na dimensão do olhar-sentimento, algo que nenhuma academia pode

ensinar” [in “Escritor entre o Eu, os Outros & os Espelhos”, palestra; Buenos Aires / Arg., 1997, e Santos / Br., 1998]. E assim é que analiso a história e o dia a dia que vivo para encarar a realidade tal como ela se faz e surge diante de mim. E digo-vos que *no quotidiano de um Escritor não existe mágica, mas muita e consciente vivência sociocultural*. Fora de tal realidade existe o comércio das palavras e a indústria editorial, espaço onde raramente o acto intelectual é eticamente respeitado.

Quando o pensador e pedagogo *Ivan Illich* afirma que “Se as escolas e os educadores não definissem os objectivos da educação, o mercado dos conhecimentos apresentaria uma escolha infinitamente mais variada; a definição dos objectos e dos instrumentos considerados como educativos seria muito mais vasta”, logo “o livre acesso aos instrumentos educativos continuará a ser impossível, enquanto as empresas beneficiarem, ao mesmo tempo, da protecção legal concedida às actividades privadas e do poder económico que lhes conferem os seus milhões de clientes, os seus milhares de empregados, de accionistas, de fornecedores” [in *Em Torno De Ivan Illich* [de *Manuel Reis*. Edicon & CEHC, Portugal-Brasil, 2011], ele define a essência primacial do jugo financeiro imposto pelo Poder, ao que o filósofo *Manuel Reis* acrescenta que “isto mesmo é o que podemos chamar o *fascismo* da concepção ideológica da ‘propriedade privada’ oriunda do Direito Romano imperial” [idem]. O mesmo posso dizer da *Igreja-Estado*, pois, o *Igrejismo* foi e é composto de uma escola/catequização moldada nos princípios imperiais egípcios e romanos: um molde absolutamente ditatorial. Coevo das acções illichianas e ex-padre cristão, *Figuera de Novaes* dizia ser “impossível a realização da Liberdade enquanto não se destruir a Igreja-Estado e a Política das elites corruptas, porque ambas vivem de sugar as riquezas que o Povo produz em seu esforço escravo” – in *El Poder y La Corrupción* [Chile, 1972]. Na verdade, a única luz humanizadora na mente mística sobrevive da tomada de princípios filosóficos gregos e confucianos em alguns trechos dos textos ‘sagrados’, que os judeo-cristãos dizem emanados de um deus, mas que logo se percebe serem fruto de um esforço de teo-escrivães para formatarem a base dogmática [ou farsante] de uma Igreja-Estado. E, obviamente, a guerra entre a Roma cristã e a Meca islâmica seria inevitável por causa dessa palavra-acção misticamente egocêntrica que, no implemento de doutrinas que só divergem no acto político do Poder, levaria às Cruzadas e à Inquisição tendo pelo meio o Povo Judeu em eterna busca do paraíso divino e sob o chicote, o coice e o fio d’espada, por ter sido o ‘pai-fundador’ da celeuma teológica. Foi e é este *Igrejismo* a fonte da problemática psico-política que ergueu o *Vaticano* em pleno espaço romano tomando-lhe o espírito fascista, assim como a *Meca* surgiu no deserto arábico para sinalizar a perene odisséia nómada do Poder místico-mercantil e bélico.

Tudo contra o espírito comunitário e pacífico da *ekklesia*. Ora vos digo que o *Igrejismo é a plataforma ditatorial pela qual vive e sobrevive o Capitalismo*, esse espectro socioeconómico que *Karl Marx* descreveu [v. *Das Kapital*, 1867] com a propriedade de quem nasceu nele e para dele se libertar intelectualmente cortando as amarras políticas e místicas.

Regimes militares tiveram e têm a influências do *campus* místico, ou da Igreja-Estado ou do Grupo Esotérico falsamente envolto em Ocultismo. O que vimos pelos militares latinoamericanos empenhados num caudilhismo abençoado pelo Vaticano, pelas elites teocráticas árabes sob o tótem de Meca, e pela visão mítica de um Nazismo hiper racial e obscenamente megalômico, algo hoje revisitado não menos obscenamente pelo terrorismo d'Estado executado por Washington, Tel'Aviv e London, sob o aplauso e o apoio das sociedades periféricas e absolutamente dominadas ideologicamente por uma cultura colonial ao estilo romano. E “[...] o tótem de onde irradia a força colonial é o *Igrejismo* na sua pujança catequizadora pelo eixo que faz da Política e da Religião uma mercadoria de consumo em todos os níveis sociais e a começar pelas estruturas educacionais”, como descreveu o jornalista *João Barcellos* em palestra com a professora *Carlota M. Moreyra* – in *A Igreja: Ontem e Hoje à Luz dos textos de Manuel Reis* [Campinas/SP e Paraty/RJ, Brasil-2010]. Eis a base da *sociedade liberal e capitalista* que nos cerca tendo o *Igrejismo* como divã e como arma: *ou és por mim, ou contra*.

O Igrejismo Das Elites Corruptas Só Será Destruído Pela Filosofia Da Liberdade

“Pensar não é um fim, é apenas um meio”, diz *James T. Haug*, “E o que a escola deve fazer é ensinar a pensar” – in *Sex and God* [O Sexo e Deus. Publicações Europa-América, Portugal-2005]. Mas não é o que Escola faz: “o Poder faz com que a Escola dissemine a sua Ideologia e os mecanismos estruturais para a realização do Mercado de interesses aí integrado. Não existe o acto noético de olhar a Humanidade e o Mundo criticamente com o objectivo de dar aos Povos condições de vivência entre paz e o amor, apenas interessa ao Poder o sentido belicista continuado, produtor de um capitalismo colonizador”, como diz *João Barcellos*. Ou seja, interessa ao Poder mercantil e pseudo-místico *o exercício egocêntrico da teoria da conspiração*, como explicou *Noam Chomsky* em várias entrevistas, para não perder o controle das massas ideologicamente dominadas e economicamente encurraladas. “Pode-se dizer, após tantos estudos, que o *igrejismo* que provoca a indignação no poeta *J. C. Macedo* é um terrorismo d'Estado que só a mente fascista e colonial tem como realidade” [*Carlota M. Moreyra, op. cit.*].

Também diante disto e da retórica igrejista é que Manuel Reis, ao perceber a resistência mercantilista e a mesmice popular religiosamente engajada, observa: “[...] não haverá meios no futuro, que nos permitam evitar o conflito (fatal...) entre as grandes religiões (civilizações) institucionalizadas” – in *Desconstruindo o Discurso Académico do Papa* [Profedições, colecção ‘Bichos Carpinteiros’, Portugal-2006]. A esperança, todavia, está na *filosofia da paz* que a intelectualidade não empantufada constrói na periferia desse Poder absolutamente mercantilista e dele não bebe o veneno que atordoa e mata lentamente. “Existem águias com garras prontas para capturar e aniquilar pombas no processo ideológico do belicismo que corrói a Sociedade Humana”, escreveu a psicóloga suíça *Elen Cedron* a propósito da obra citada de *Manuel Reis* [p/ Centro de Estudos do Humanismo Crítico – América Latina. Genève, 2010]. E os guerreiros são místicos e são políticos, no que outrora era tido como Clero e Nobreza no exercício do Poder instituído por eles mesmos.

Potencial Fascista Do Poder De Cátedra

As condições que levam à constituição do Poder absolutamente exercido no meio teológico-político, são conexões académicas e militares oriundas da retórica *por Deus e pelo Povo*, primeiro, como já o disse, pelo *Senhor de Clã*, segundo, pelo *Sumo Sacerdote* no pico da práxis da dominação geossocial. A partir do momento em que a mística sacerdotal se acata como classe dominante tem início o que posso denominar como *Poder de Cátedra*, i.e., a *Escola das elites* [hoje, Universidade] a enformar dirigentes para a perpetuação desse Poder, logo, uma intelectualidade empantufada e isolada da problemática quotidiana do Povo. Uma elite que dá *sustentação teórica* [na Universidade] e *publicitária* [na Imprensa regamente engajada]. Os casos mais flagrantes foram dos bispos-ministros em vários reinados europeus entre os Séculos XIV e XVIII, e os dos mercadores-papas; mais recentemente, os ditadores *Franco* e *Salazar*, na Espanha e em Portugal, e *Vargas*, no Brasil, na utilização dessa retórica para a constituição do *Estado Novo*, ou a *República do poder seco*, por ser um Poder autoproclamado. Embora tivesse esboçado somente o assunto, *Miguel de Unamuno* tratou a política salazarista como “fascismo de cátedra” [v. *Nueva Vuelta a Portugal*. 1935], e que é o que hoje percebemos no Poder que nos cerca e tenta dominar, e que, no Século XXI, sob as vestes de um falso republicanismo, reintroduz o Estado Novo entre a Universidade e a Sociedade – o que é, como lembra *Manuel Reis* em vários escritos, “um soft fascismo a destruir esperanças de liberdade”. Eis de novo a Intelectualidade a prestar serviços corporativos para o suporte do Poder primacialmente absolutista e repressivo, e objectivamente fascista, apesar

da falsa ingenuidade de alguns professores-doutores que se acham a 'luz' da sociologia enquanto se benzam nas águas podres do Igrejismo. Em suma: pagos pelo fascismo, soldados do fascismo. Ou existe outra afirmação mais adequada? Dizem-me que sou parte do *acto d'Anarquia* quando falo e escrevo sobre este tema, e respondo que *a Anarquia é a velha filosofia que pressupõe o Estado com cada coisa e cada pessoa no seu devido lugar*. Ora, não me defendo, apenas constato o que existe e o pode ser feito na ruptura com a corrupção que predomina no Poder absolutamente mercantil. Acredito que *Unamuno* não desenvolveu o tema do *fascismo de cátedra* por não ser esse o propósito da sua indagação política, nem ele mesmo esboça um estudo acerca do *igrejismo*, mas, já com *Reis* temos um filosofar que leva à ruptura com esse conceito atravessando a mesmice académica daqueles professores-doutores que dormitam sob bons salários e bolsas de pesquisas que atendem o espírito academicista do actual Estado Novo...

Existe Alguma Esperança?

1 Na colecção *Debates Paralelos*, Volume 3, edição de 2004, chancela da Edicon e do CEHC, com distribuição na América Latina e em Portugal, com painel de análises sobre *Igreja-Estado ou Religião*, o editor e artista plástico *Ruy Hernández* lembra-nos que “as vivências de todos os dias são o fundamento para o estabelecimento social e cultural de uma Civilização sempre prene da Liberdade”.

Temos que entender o seguinte: *a*) a Sociedade no seu Todo humano deve decidir estar por ela mesma e ser Poder por vias de uma Democracia autêntica, ou seja, o exercício do Poder pelas expressões comunitárias que fazem a Nação; *b*) as vivência quotidianas continuarão a ser actos sob o chicote bélico e místico do Poder exercido por elites coloniais se não acontecer a ruptura política.

2 A esperança em dias melhores é a tentação da aventura pela Paz e pelo Amor, mas, tal aventura só acontece – e quando acontece é uma festa sociocultural – quando a Consciência das acções para a Liberdade nos faz crer na efectivação dessa meta, pois, tanto a Sublevação Popular como o Poder são meios políticos de exercício da Civilização, e não existe processo civilizatório para a Democracia sem Povo comunitariamente organizado.

No poema *Diáspora* [I e II], publicado na colecção *Perfil*, da Associação dos Poetas Profissionais do Rio de Janeiro [APPERJ], em 2005, *João Barcellos* canta: “fogem/ os que fogem/ escondem/ os que se escondem [...] partem livres/ os que já eram livres”; e por isso, na segunda parte ele sublinha: “creio em mim/ desenho e rego dia a dia este jardim”.

E no Volume 6 da colecção *Palavras Essenciais* [Edicon & CEHC, Portugal e Brasil, 2011], com o tema *Humanismo, Educação & Justiça Histórica*, intelectuais e artistas lembraram, através da moçambicana *Celine Abdullah*, que “É preciso reagir para construir Liberdade”!

Não adianta apenas pensar, é preciso aprender a dar acção ao que a mente perspectiva, mas, para isso, é necessário ter o Conhecimento que não vem da Escola, e sim do olhar quotidiano que capt[ur]a a amplitude da Realidade e nos permite mensurar caminhos e obstáculos.

Não adianta apenas pensar, é preciso aprender a abrir caminhos com a Palavra conscientemente injectada de Vontade, projectar o Futuro que está nas acções de hoje!

J. C. Macedo
Jornalista e Poeta.
2011

www.noetica.com.br // noetica@uol.com.br